

## PRESENTES: O QUE FICARÁ DISSO TUDO?<sup>1</sup>

Adeilza Gomes da Silva Bezerra  
Ana Maria Martins Silva  
Andrea Pinheiro da Silva  
Denis Silva Castro  
Fernanda da Silva Araújo Mélo  
Fernando Bueno Catelan  
Janaina Batista Barbosa Sampaio  
Josivando Ferreira da Cruz  
Judson Bezerra de Andrade  
Kauê Antonio da Silva Rocha  
Maria Aparecida de Lima freire  
Nara Micaela Wedekin  
Tiffany Jaira Raiol Matos  
William Fernandes Molina

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34295

Fortaleza presente! Belo Horizonte, presente! Porto Alegre, presente!  
Sergipe presente! São Bernardo, presente! Recife, presente! Floripa, presente!  
Hortolândia, presente! Natal, presente! Entre as vozes e imagens de lugares

---

<sup>1</sup> Este texto coletivo foi escrito no terceiro encontro do Grupo de Conversa 5 do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (II CIPA), promovido pelo Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que aconteceu de 8 a 12 de novembro de 2021, em formato remoto, em torno do tema: "(im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia".

diversos do Brasil: Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Sergipe! Escutamos relatos e indagações que parecem surgir de corpos entrelaçados:

- O que é teatro?
- Por que a escola não muda?
- Quantas vozes cabem no silêncio de câmeras fechadas?
- Como olhar sensivelmente para os/as discentes no virtual/remoto quando muitos estudantes não se dão a ver? Seria a interpretação dos silêncios e da ausência?
- O que seríamos nós sem a troca com o outro?

Em uma *live* com o Grupo Galpão, Cacá Carvalho (2020) usou de uma metáfora para dizer como estava vendo as iniciativas de teatro durante a pandemia. Ele disse que o teatro é uma grande fogueira, e que naquele momento não estava sendo possível mantê-la acesa, então cada um segurava sua vela, para manter a chama do teatro acesa e não deixá-la se apagar!

Teatro é encontro. Arte da presença física, do toque, dos fluidos, do frente-a-frente. A pandemia, com o consequente isolamento social, trouxe a dureza do afastamento da presença física. Sem a possibilidade da fogueira acesa, munimo-nos das velas. E, para os educadores em Teatro, foi preciso não apenas acendê-las, mas colocar-se para ajudar outros a também mantê-las com o pavio iluminado.

Diante da necessidade de um aporte teórico-pedagógico de caráter crítico e progressista no que tange ao ensino do teatro de forma remota, os arte-educadores de teatro se reinventaram em sua atuação profissional. A partir de inspirações em Freire (2014), percebem-se, nas discussões do Grupo de Conversa 5 — do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (CIPA), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) — iniciativas de um teatro que seja

comprometido com a possibilidade de mudanças sociais e que seja capaz de corroborar com a promoção de estratégias e soluções diante das contradições reverberadas na cena social pandêmica. E em nossas conversas perguntamo-nos como compor as diversas vozes que surgem:

- O teatro dá asas para que possamos voar e procurar nossos ninhos!
- Nós somos porque existimos juntas!

A expectativa do encontro virtual nas aulas remotas foi inicialmente bem frustrante, mas aos poucos começamos a ver melhor outras possibilidades, a voz acabou sendo o grande presente, a grande descoberta. O uso expressivo da voz e a dramaturgia acabaram sendo grandes ganhos das práticas teatrais no período mais duro da pandemia. Vozes ecoando pelas paredes, telas, mensagens, *chats*, *meetings*, *zoons*, *moodles*, *teams*, *instas*, *whatsapps*, *classrooms*, *youtubes*, *tiktoks*, televisão, teleaulas. E cadê a escola? Uma das formas da nossa conversa no Grupo 5 foi nos fazer perguntas:

- Como foi o processo de adaptação repentina do ensino presencial para o ensino remoto?
- Que contribuições as experiências vividas no ensino remoto podem levar para o retorno do ensino presencial?
- Por que o que se criou na pandemia tende a ficar para além dela?
- É possível chamar o que fizemos no ambiente virtual de “teatro”? Que características da experiência virtual se assemelham à experiência teatral?
- O que ficará depois disso tudo?
- Curiosidade pura: como foi a experiência da professora performer? É possível performar somente construindo um personagem (como o Curupira) ou o professor pode performar como ele mesmo?

- Quais foram as estratégias utilizadas para fisgar os dois tipos de alunes, os da licenciatura e o infantil?
- Pensando no grupo infantil: quais foram os jogos que mais fizeram os alunes entrarem em relação e jogar de fato?
- Essa conversa me levou para uma sensação de nostalgia. “Nos-tal-gia”? Essa palavra ainda existe? Penso que existem palavras pré pandêmicas. Não? Essa é uma delas?
- Com as experiências de teatro que aconteceram durante a pandemia será que podemos ampliar o entendimento que já tínhamos sobre o que é teatro?
- As gravações de vídeos na pandemia não são teatro? Mas antes da pandemia já utilizávamos vídeos gravados nas peças. Esses vídeos, quando são passados no palco, são considerados teatro?
- O que você levará do ensino *on-line* para o ensino presencial?
- Fala-se sobre a necessidade de “divertir os alunos”. Como enxergamos essa necessidade de diversão, sabendo dos riscos que o Teatro corre em relação à uma confusão com a visão de uma aula vista apenas como recreação?
- Por que a escola não muda?
- O que falta para a mudança na escola ser constante?
- Como surgiu a ideia de trabalhar as questões de acessibilidade e inclusão nos tempos pandêmicos?
- Como foi para os professores criar planos e estratégias de aula em tempos pandêmicos?
- Que estratégias foram pensadas para perceber, nos corpos das crianças, a reverberação das temáticas trabalhadas nas aulas?
- Que relações foram estabelecidas entre o cantar, o batucar, o dançar e a linguagem teatral?

- Como se entende a interdisciplinaridade na prática docente em teatro de forma remota? Que relações podemos estabelecer entre teatro, ensino, aprendizagem e tecnologias digitais?
- Diante das contradições que envolvem o teatro na forma remota e da multifuncionalidade dos professores no desenvolver das atividades, o que se pode dizer quanto à cobrança de conhecimentos impostos de cima para baixo, mesmo no período mais duro da pandemia?
- De que maneiras você percebe os corpos das crianças se relacionando com as formas animadas?
- Quais experiências são provocadas na construção formativa do professor-artista com o teatro de formas animadas?
- Como foi ter que adaptar esse trabalho que vinha sendo pensado para algo presencial?
- Quais foram os relatos de professores e alunos após terem acesso ao material em forma de vídeos?
- Como os professores receberam a notícia de promover teleaulas?
- Como foi a recepção dos alunos sobre as teleaulas? O retorno foi positivo?
- Como é para mim a experiência que o outro ouviu? De que modo chega a forma que a outra pessoa me lê?
- Tudo é jogo, não é?

## Privilégio da escuta...

- Conseguem traçar paralelos entre alguma experiência de estágio presencial com a que foi vivida no estágio no formato remoto?
- Como avaliam/analizam o duplo acompanhamento (orientadora+supervisor) durante o estágio? O que a experiência e as histórias narradas por quem habita o chão da escola conferem ao processo?
- Ensino? O que é ensino no contexto remoto?

- Um professor-personagem vivendo a mesma experiência de estar em casa como estudantes. Quem performa quem na pandemia?
- Como trazer as ferramentas do *on-line* para a sala de aula presencial? Como levar o teatro no WhatsApp?
- Quais são as novas possibilidades de recriação do fazer teatral?
- As opressões, que tantas vezes estão dentro de casa, atravessaram a prática de ensino em algum momento? As opressões reproduzidas no ambiente familiar foram associadas às práticas e teorias propostas no curso de Teatro do Oprimido?
- No que diz respeito aos jogos teatrais de Boal, especificamente sobre o Teatro Invisível, os cursistas, em algum momento, jogaram com as demais pessoas das suas casas, sem que elas soubessem?

O que fica desses encontros é a certeza de que não podemos parar de nos perguntar sobre o ensinar/aprender teatro na educação básica: mover as perguntas em nós. A experiência de vida e a experiência artística podem orientar a docência, e o remoto fez com que tivéssemos que nos (re)inventar. Daí a necessidade de continuarmos a ter e a dar ânimo, energia, vida.

### *#RelatoMemória1*

Diálogo de uma experiência de aula remota, a partir da fala de uma professora que comentou sobre professor-personagem:

- Professora, vamos fazer uma aula remota como se nós estivéssemos chegando na escola mesmo? Como se estivéssemos chegando na sala de aula, com mochila, colocando a mochila na cadeira, abrindo cadernos...
- Vamos! Na próxima aula, preparem-se... Preparem suas mochilas porque vamos estar na sala de aula!

Professor-personagem, alunos personagens, performando estudantes...

*Quando chegou o estágio na escola, não tinha escola, tinha WhatsApp.*

*O coco também é teatral, o terreiro também é teatral...*

*Camadas de silêncio...*

*Não teve o que entender para começar o ensino remoto, é que foi imposto mesmo!*

*O teatro vai além de palco.*

*Cansada de ensino remoto...*

## *#RelatoMemória2*

As opressões vivenciadas e socializadas pela/na turma foram de abrangência tanto macro quanto micro, pois a partir das discussões identificaram-se os entrelaçamentos que formam a teia de opressão nas diferentes esferas governamentais (federal, estadual e municipal). Assim, as ideias conservadoras reproduzidas pelo atual governo federal em alguns casos foram explicitadas pelos cursistas, revelando que o conservadorismo se encontra presente no ambiente familiar, como submissão da mulher e objetificação da mesma, práticas de *lgbtfofia*, racismo e machismo. As interações e aprendizagens surgiram a partir das trocas de experiências e conhecimentos entre os cursistas e professoras. No tocante ao Teatro Invisível, as professoras fizeram uma apresentação inesperada em uma das aulas. Começaram a mediação da aula e de repente iniciaram uma discussão entre elas, chegando a ficar um clima tenso. A turma ficou sem reação. No entanto, mesmo estando de acordo com uma das professoras, a turma apenas ficou assistindo à discussão. Algumas pessoas queriam sair da aula e outras pediram para as professoras se acalmarem. No final da aula a turma ficou sabendo que foi um experimento artístico combinado entre as professoras.

## *#RelatoMemória3*

Nas redes sociais, os/as estudantes escolhem o que querem mostrar, formatam o conteúdo da imagem, utilizam filtros. Mas ao terem de se mostrar em câmeras durante a aula, expõem sua intimidade sem a possibilidade de escolha de ângulos e conteúdos. Dentre as justificativas para não abrirem suas câmeras, afirmam sentir-se “desprotegidos”. Mas... foi só pedir para ver os bichinhos de estimação que muitos ligaram suas câmeras.

## *#RelatoMemória4*

E acho que ainda cabe muito uma parada para analisarmos melhor essa nossa maluca, impensável experiência de dar aula “sendo vistos”, mas “sem ver”. Meus alunos adolescentes só abrem as câmeras quando estão nos pequenos grupos... Essa solidão de não ver os olhos, a falta de toque, de dividir o mesmo espaço... Será que tudo isso teve alguma ressonância na aprendizagem e no fazer teatral? Será que tivemos mais ganhos ou perdas?

*Aí eu paro.*

*Lembro.*

*Estou VIVA!*

*Não morri de PESTE.*

*Aí tudo faz sentido.*

*VALEU A PENA (o esforço, o desgaste...)*

*Estamos vivos! Ufa...*

## *#RelatoMemória5*

Embora tenhamos convivido com um número mínimo de devolutivas de atividades não presenciais pelos estudantes devido à falta de acesso à internet, vimos também muitos relatos dos docentes, apresentando ricas experiências dos estudantes que conseguiram acessar às aulas via WhatsApp, Google Meet, Google Forms, dentre outros.

## *#RelatoMemória6*

Na formação docente continuada em Artes, realizada quinzenalmente, há um tópico da pauta denominado “Vossa Majestade, a Aula”. Naquele espaço, a professora ou o professor tem 20 minutos para fazer sua comunicação oral a respeito de uma aula trabalhada. E algumas experiências com teatro de sombra, criação de personagens, teatro de bonecos foram vivenciadas pelos estudantes do 4º e 9º anos, em casa. As produções foram gravadas em vídeos e enviadas para a professora da turma.

## *#RelatoMemória7*

O teatro é uma grande brincadeira. Fazer uma aula acessível com esse princípio num estúdio de TV onde já tinha delimitado o espaço corporal dos professores/apresentadores foi um desafio grande. A produção das Teleaulas de Teatro foi realizada literalmente contra o tempo cronológico. Tínhamos reunião com o grupo geral (composto por 29 docentes), reunião individual para ensaio e revisão minuciosa com o docente apresentador e íamos ao estúdio para a gravação. No estúdio, para minha surpresa, fui diretora, controladora do tempo dos *slides*, orientadora do professor para a gravação. Eram dois técnicos da TV que tinham a função somente de ligar e controlar o painel de gravação. Como se diz no ditado popular “trocando pneus com o carro em alta velocidade”: essa era a sensação vivida por mim durante os meses de julho a novembro de 2020. Eu e minha amiga, parceira de trabalho, vivíamos de domingo a domingo, nos três turnos e madrugadas dentro do universo Google Meet. Pelo nosso compromisso profissional e ético com o ensino de Artes/Teatro na rede municipal, dedicamos-nos a esse trabalho exaustivo. Isso porque, também para nossa surpresa, professores com formação em Teatro não se pronunciaram para gravar voluntariamente e nós contamos com uma professora da turma do 9º ano, da área de Música, que vestiu conosco a camisa para tentar gravar as 48 Teleaulas. Depois que as aulas de Artes começaram a ser reprisadas e começamos atrasar as

gravações, expusemos a problemática ao grande grupo e mais três docentes decidiram timidamente participar das gravações. Agora tínhamos uma âncora e outras pessoas chegaram para amenizar aquele trabalho sempre com um mês de atraso em relação aos outros componentes curriculares e exibição pela TV aberta.

*Nostalgia e memória: as histórias que contaremos sobre aquele momento serão parte do passado ou do futuro, mas narrarão sobre nossas corpes e subjetividades.*

*Para dar aula, você tem que estar apaixonada!*

A mudança é uma constatação natural da cultura e da história. O que ocorre é que há etapas, nas culturas, em que as mudanças se dão de maneira acelerada. É o que se verifica hoje. As revoluções tecnológicas encurtam o tempo entre uma e outra mudança. (FREIRE, 2014, p. 30)

Notas diárias da coordenadora e do coordenador do GC 5 do II CIPA<sup>2</sup>

09/11/2021 — A noite foi instigante e muito potente na ação de jogar. O Grupo de Conversa 5 esteve completo e todas as pessoas se mostraram disponíveis e empolgadas para contribuir com o processo. Comentaram o desejo de conversar que a proposta gerou, além da ideia de leitura como momento inicial e o fato de todo mundo ter acesso a todos os textos: foram pontos considerados positivos. Houve um clima leve e tranquilo com relação à forma de lidar com as pesquisas apresentadas. A distribuição dos textos foi feita de forma fluida, os 15 minutos para leitura foram adequados e a proposta se desenvolveu de modo orgânico no Grupo.

---

<sup>2</sup> Fernanda da Silva Araújo Mélo e Denis Silva Castro.

Na medida em que cada uma/um apresentava comentários e suas perguntas, as discussões pareciam cada vez mais se entrelaçar e vir de vozes em coro, de lugares distintos do Brasil.

10/11/2021 — Houve concentração e imersão na discussão proposta para esta noite, com as pessoas atentas às considerações feitas sobre os textos a partir das perguntas mobilizadoras. Além disso, houve abertura de espaços internos e externos realizadas pelas questões que se foram apresentando a partir da fala. Mais do que responder, um grande questionamento comum foi se constituindo. O que levaremos dessa pandemia para o teatro na escola? Ao se relacionar com essa questão, diferentes abordagens e pontos de vista foram acontecendo, visto que potentes encontros se deram, mas também abismos profundos se intensificaram. Entre câmeras e silêncios, entre mensagens em aplicativos e desejos de futuros diferentes na docência, fomos juntos possibilitando reinvenções nas pedagogias teatrais.

11/11/2021 — Um ENCONTRO, COM PRESENÇA. Uma conexão e abertura incríveis para criar juntas, escrever com muitas mãos e corações pulsando. Assim nasceu o texto: “PRESENTES: o que ficará disso tudo?”, que ora apresentamos aqui.

## Referências

CARVALHO, Cacá. Conversas com o Galpão: parte 2. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LiTROCFyphI>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.